

# A manipulação da imagem: verdade construída pela mídia

Michelle Beatriz Godoy Santos Ceschin

Universidade Estadual Paulista – UNESP

Al. dos Manacás, 1-4 – Parque Vista alegre – 17020-840 – Bauru – SP – Brasil

**Abstract.** The new technologies are facilitating more and more, the manipulation of the images that the media offers to the public. We know that the speech of the image is always an imitation, therefore, a point of view of the statement prepared ideologically for this. The publicity, for example, always shows a hyper-real object, in the way that word seems for Baudrillard, because it only appears in its virtuosities, almost always super valued hiding its defects and inefficiencies. As that author, the hyper-real turned banal the contemporary life. It turned the real more real than itself. The image of the newspaper news and magazine are also going by that process manipulator. It is not difficult to find two images in a same magazine with evident distortion works. An attentive glance is enough on the given images so that it is noticed details extremely manipulation disclosers: ink hiding parts of the photographic text; parts of the different body in a same character's two images and so on. This work intends to show those manipulations in two layers of different magazines, VEJA and ISTOÉ, being about the same theme, that went the subject of to week on October 25, 1995, when the bishop of the Universal Church, Sérgio V. Helder, attacked, in the TV, with punches and kicks an image of N. Senhora Aparecida. It is noticed in those images of the same speech of a dominant church on the other, where the “good” is sanctified in an image of Nossa Senhora Aparecida, and the “bad” is summed up in the bishop's image that has in the hands a Bible in flames. Being, who is the bishop's follower looks at this how the opposite side is practicing an offense; who is follower on the other side sees the offense in the bishop's image. Therefore, the bad and the good are point of view of a same object ideologically set up by the media.

**Keywords.** *Mídia; manipulation; imitation; hyper-real*

**Resumo.** As novas tecnologias estão facilitando cada vez mais, a manipulação das imagens que a mídia oferece ao público. Sabemos que o discurso da imagem é sempre um simulacro, portanto, um ponto de vista do enunciador ideologicamente preparado para tal fim. A publicidade, por exemplo, mostra sempre um objeto hiper-real no sentido dado a essa palavra por Baudrillard, pois ele só aparece nas suas virtualidades, quase sempre supervalorizadas escondendo os seus defeitos e ineficiências. Segundo esse autor, o hiper-real banalizou a vida contemporânea. Tornou o real mais real do que ele mesmo. A

imagem das notícias de jornal e revista também está passando por esse processo manipulador. Não é difícil encontrar duas imagens em uma mesma revista com evidentes trabalhos de distorção. Basta um olhar atento sobre as imagens dadas para que se percebam pormenores extremamente reveladores de manipulação: tinta encobrindo partes do texto fotográfico; partes do corpo diferentes em duas imagens de um mesmo personagem e assim por diante. Este trabalho pretende mostrar essas manipulações em duas capas de revistas diferentes, VEJA e ISTOÉ, tratando do mesmo tema, que foi o assunto da semana no dia 25 de outubro de 1995, quando o bispo da Igreja Universal, Sérgio V. Helder, agrediu, na tevê, a socos e pontapés uma imagem da nossa senhora. Percebe-se nessas imagens do mesmo discurso de uma igreja dominante sobre a outra, onde o “bem” está santificado em uma imagem de Nossa Senhora, e o mal concretizado na imagem do bispo que tem nas mãos uma bíblia em chamas. Assim sendo, quem é adepto do bispo olha como o lado oposto está praticando uma injúria; quem é adepto do outro lado vê a injúria na imagem do bispo. Portanto, mal e bem são pontos de vista de um mesmo objeto ideologicamente montado pela mídia.

*Palavras-chave. Mídia; manipulação; simulacro; hiper-real*

### **Apresentação:**

O que pretendemos neste artigo é dar uma possibilidade de leitura de textos midiáticos informativos, respaldado na semiótica da cultura. Trata-se, mais especificamente, de fazer uma análise da informatividade cromática desses textos: Guimarães considera a cor como informação, todas as vezes que sua aplicação desempenhar uma função semiótica, responsável por organizar e hierarquizar conteúdos. Pode-se, também, atribuir-lhe significado (2003:31), já que as cores ganham valores culturais nos meios em que os discursos midiáticos atuam. O “*corpus*” dessa pesquisa são duas capas de revistas de veículos concorrentes no Brasil, que disputam o mesmo público-alvo, sendo que tanto uma como a outra está relatando o mesmo fato ocorrido de repercussão nacional da semana 25 de outubro de 1995. Nessa semana, o bispo da Igreja Universal Sérgio Vom Helder agrediu, na tevê, a socos e pontapés, uma imagem de uma santa: Nossa Senhora. A Igreja Universal do Reino de Deus e o bispo Edir Macedo foram o assunto e alvo da grande mídia. Esse assunto tornou-se tão importante que foi capa de duas maiores revistas do país. O que nos interessa nesse momento, em particular, são como essas duas revistas anunciaram suas

capas de maneira tão diferentes, porém, com o mesmo conteúdo temático mostrado em suas polaridades semânticas: O bem e o mal.

## **1. Entre o oposto e o pressuposto: a coerência Interpretativa**

O objetivo maior deste trabalho é demonstrar que a seleção de elementos intencionais de produção de discursos são ideológicos e que há sempre, nos elementos dados, de modo explícito, um outro discurso, exatamente oposto, ou seja, um discurso não-dito, mas sugerido que é o contrário do anterior. Por exemplo, narrar um assalto do ponto de vista da vítima, deixa transparecer a existência de uma outra narrativa; apenas sugerida, a do ladrão. No entanto, quando esse outro discurso do pólo posterior também é dado, há por certo, uma concretização discursiva ideológica que passa a exigir uma coerência de visualização desse contrário no discurso antagônico, fechando seu conteúdo, dentro de determinado ângulo de coerência interpretativa. Em outras palavras, o discurso dado exige uma coerência de leitura, segundo os seus elementos componenciais, que jamais seriam os mesmos que o leitor de um dos lados faria ao complementar o discurso sugerido em primeira instância, sem a existência do discurso oposto. Assim, os elementos dos discursos dados conferem às idéias coerência de interpretação, exigindo, portanto, certo consenso de leitura interpretativa, diminuindo a subjetividade da imaginação livre do leitor, até se chegar a uma leitura mais consensual do problema dado. Assim, todo discurso impõem uma direcionalidade interpretativa, sugerida pelo texto dado. Só um dos lados de um discurso é capaz de sugerir o outro, o que permite liberdade de criação desse discurso antagônico, ora apenas sugerido.

Heráclito (1999:24), em sua teoria, já chamava a atenção para a perene mobilidade de todas as coisas e para a unidade dos opostos. Segundo ele, nada permanece imóvel; tudo está em estado de fluidez e estabilidade: tudo se move, tudo muda tudo se transforma, sem cessar e sem exceção (“*tudo flui*”). Para ele, só o *dever* das coisas é permanente, no sentido de que as coisas não têm realidade senão justamente no perene *dever*. Assim, o discurso é um meio de fixar o fluído; mas, ao fixar uma idéia, o discurso também se objetualiza e permite ser interpretado, gerando uma nova seqüência de idéias, a partir do

mesmo como objeto. Entretanto, a filosofia de Heráclito está bem longe de se reduzir à mera proclamação do fluxo universal das coisas: esta é a constatação de partida. Para Heráclito, o devir é um contínuo conflito dos contrários que se alternam; é uma perene luta de um contra o outro, uma guerra perpétua. É como as coisas só tivessem realidade no perene devir. Essa guerra se revela como fundamente da realidade das coisas. No entanto, essa guerra é ao mesmo tempo paz e harmonia, fazendo com que o fluir perene das coisas e o universal devir se revele na síntese dos contrários, tornando-se o perene pacificador dos beligerantes. Assim sendo, o contrário do discurso da capa da *Veja*, onde o demoníaco foi figurativizado, já presentifica, por si só, o outro lado, o angelical que está sugerido no oposto do demoníaco. O mesmo acontece com a capa da *ISTOÈ*, que figurativizara o “bem”, deixando o “mal” para ser idealizado pelo leitor. Senão vejamos essas duas figurativizações em confronto.

## 2. Polarização do bem e do mal

Neste item, iremos confrontar os dois discursos sugeridos, para que os mesmos demonstrem as idéias que ora defendemos. O primeiro trata-se da capa da revista *Veja* onde há predominância das cores primárias (vermelho e amarelo) em contraste com as cores escuras do fundo. A figura 2, de modo genérico, as cores predominantes são constituídas de tons tranqüilizantes, onde a celestialidade do azul predomina sob o fundo claro. Façamos, portanto, uma incursão mais profunda nesses dois discursos, de modo contrastante:



Figura a



Figura b

### **3. Figuratização do mal e do bem: leitura objetiva**

**a) Do que se trata:**

Trata-se da capa da revista Veja do dia 25 de outubro de 1995.

**b) Do que se trata:**

Trata-se da capa da revista ISTOÉ do dia 25 de outubro de 1995.

**a) Descrição da capa:**

O bispo Edir Macedo da Igreja Universal do Reino de Deus, o bispo ocupa a esquerda da página e ser de esquerda em nossa cultura é ser contrário ao sistema vigente, comunista, radicais, metódicos, violentos, terroristas, sabotadores, membros de uma assembléia que se colocam com idéias avançadas, lutando contra os conservadores. Esquerdistas são pela falta de seriedade, propensos a alardear suas posições contrárias aos demais, lutando para impor suas convicções.

**b) Descrição da capa:**

A Santa, por sua vez, ocupa a posição do central, fundamental, primordial, essencial, com intensa concentração de poder, mostrando domínio do poder dos democráticos, exercendo função importante sobre os demais.

**a) Forma apresentada:**

O mesmo é retratado de terno e gravata, um olhar hipnótico; percebemos, claramente, uma manipulação feita na imagem que seu olhar mergulha no olhar do leitor, Ele está com a bíblia sagrada nas mãos, que denuncia o Bispo como falso profeta. Dela sobe o elemento mais importante dessa imagem, o fogo, dando ares demoníacos, o que vamos abordar mais para frente em leitura subjetiva.

**b) Forma apresentada:**

Apesar da sua centralidade, ela não encara seu leitor, o que demonstra humildade, já que seu olhar está direcionado para baixo. Suas mãos não aparecem o que instiga o leitor a imaginar uma situação de complacência e servidão.

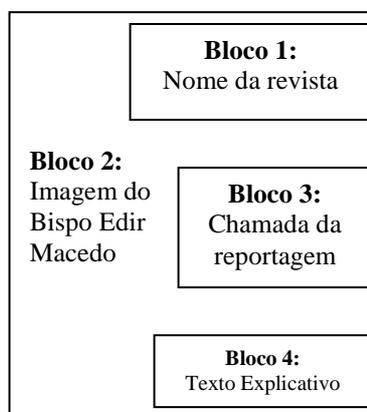
**a) O verbal da Capa:**

Podemos observar no verbal o nome da revista escrito em vermelho, com o título “A Igreja que Assusta”.

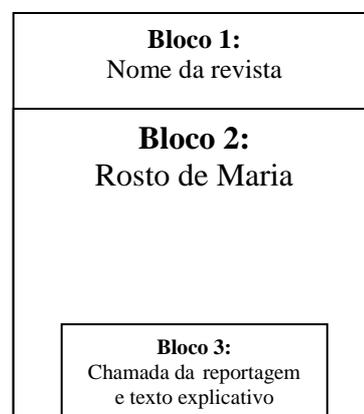
**b) O verbal da capa:**

No verbal encontramos o nome da revista no topo da capa e a chamada da reportagem com o Título: “Maria contra-ataca”.

**4. Elementos da imagem**



**Figura a**



**Figura b**

**a) Bloco 1:**

Nome da revista escrita em vermelho, que simbolicamente representa o lado negativo dessa cor.

**b) Bloco 1:**

Nome da revista escrito na cor violeta, que simbolicamente representa na Igreja Católica a túnica de Jesus Cristo. É quando Cristo assume completamente a sua

encarnação, depois do momento de realizar o seu sacrifício supremo, ele irá se redimir junto ao Espírito celeste, imperecível, ao qual ele retornará. É este mesmo simbolismo que breviários, cobre o coro das igrejas de violeta, às sextas-feiras santas. Pela mesma razão, inúmeros evangeliários, livros de salmos e anteriores as renascimento, são escritos com letras douradas sobre um pergaminho violeta, como se vê no livro de Chevalier e Gereerbran no dicionário dos símbolos: o leitor tinha continuamente sob os olhos a revelação, representada pelo ouro, e a paixão de Nosso Senhor, representada pela cor violeta.

**a) Bloco 2:**

A imagem do Bispo é acondicionada, estrategicamente, no lado esquerdo da capa. Donis A Dondis em sua obra “A sintaxe da linguagem visual” (1997:39,40) explica a preferência perceptiva do olho que favorece a zona inferior esquerda de qualquer campo visual. Essa influência se dá pelo fato de que, em nossa civilização, aprendemos a ler da esquerda para direita, o que acaba por condicionar nossa leitura da imagem dada.

**b) Bloco 2:**

Rosto de Maria traz a leveza das cores em tons pastel, predominando a angelicalidade do azul (cor fria). O rosto da santa está completamente iluminado de modo divino, pois na se trata de luz natural, nem artificial de holofotes, mas luz branca da divindade suprema, ou seja, ela está no claro, o que significa simbolicamente, que ela está representando o bem.

**a) Bloco 3:**

A chamada da reportagem escrita em branco se destaca com fundo laranja e seu degradê que vai até o preto. O elemento claro e escuro salienta esse bloco, como se o bispo estivesse vindo de um mundo escuro (trevas), onde a única luz é a do fogo que queima e condena, pois ele se levanta das leis divinas e se direciona aos pecadores.

**b) Bloco 3:**

A chamada da reportagem escrita em azul (do celeste) se contradiz com a imagem da Santa, pois, de uma maneira velada “ela” (Igreja Católica), impõe a seus fiéis uma postura de contra-ataque, deixando de lado o princípio básico da Igreja Católica: o perdão.

**a) Bloco 4:**

O texto explicativo acompanha a mesma configuração do título da reportagem. Porém seu contexto passar quase que despercebido no todo.

**5. Característica da imagem:**

**a)** A imagem possui um alto grau de figuratividade representativa. Como o texto convida o leitor a fazer uma análise da situação, essa imagem é polissêmica.

**b)** É uma imagem representativa de um semblante angelical, construída sob o molde da imagem perfeita a raça branca; a Santa de olhos azuis são índices de beleza física da raça branca que assim constrói a deusa identificada com a sua própria imagem. Assim, essa imagem traz um significado óbvio, e de simples decodificação, pois quase todos conhecem a imagem da Santa, principalmente em nosso país, que tem a grande maioria de católicos entre os seus religiosos.

**6. Leitura Subjetiva:**

**a)** Um dos aspectos importantes em relação à manipulação é o elemento fogo. Levando em consideração seus aspectos destrutivos, isso implica evidentemente em um lado negativo; o domínio do fogo tem, igualmente, uma função diabólica, pois nessa capa o fogo não queima o Bispo, que se mostra imune ao mesmo. O bispo Edir Macedo criou, organizou e modelou uma religião através de imitações em modelos já existentes, constituindo-se em um falso pregador, pois ele se serve das próprias palavras bíblicas para condenar os religiosos católicos.

**b)** Se por um lado a revista Veja utilizou as “trevas” para comunicar o fato ocorrido na semana. A ISTOÉ buscou toda a beleza e a perfeição na imagem de Maria. A placidez de seu olhar, a leveza das cores e tons que compõe a Santa,

reforça e traz a tona todo um contexto cultural amplamente conhecido por todos os católicos brasileiros.

## 7. Conclusão

Agora podemos ligar as pontas dos argumentos levantados neste trabalho. Quando citamos Heráclito, percebemos a incongruência dos opostos no devir contínuo do universo. O que é positivo em um dos discursos, o angelical, do catolicismo tem como pólo oposto o demoníaco do discurso da Igreja Universal, são dois pontos de vista contrária do mesmo eixo semântico bem e mal. Por certo, a visão do bispo é que a Igreja Católica é o mal, enquanto esta entende que o mal é a pregação feita pelo bispo, ou seja, esses opostos são pontos de vista de duas facções religiosas em disputa de espaço e em busca de fiéis para suas igrejas. O discurso de um procura negativizar o discurso do outro. Desse modo, os contrários acabam por confirmar a visão de Heráclito que “por de trás da aparente multiplicidade há sempre uma unidade fundamental”. É a unidade que se apresenta sempre ao homem em tensões opostas, figurativizando ideologias construídas que só a razão (Logos) consegue enxergar a unidade profunda que as oposições aparentes ocultam e sugerem.

Assim, os contrários, em todos os níveis de realidade, são simples aspectos inerentes a essa unidade: os dois discursos apresentados, portanto, constituem duas facetas de uma mesma idéia, ideologicamente construídas na batalha de se impor como forças da busca de um mesmo poder: o objeto “o discípulo” de uma seita, pois é ele que está em disputa.

## 8. Referências:

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1994.

COSTA, Alexandre. Heráclito: **Fragmento contextualizado**. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

DONDIS, Adonis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação**: a construção biofísica, lingüística. São Paulo: Annablume, 2000.

\_\_\_\_\_. **As cores na mídia**: a organização da cor-informação no jornalismo. São Paulo: Annablume, 2003.

HUSMAN, Denis. **Dicionário dos filósofos**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2001.

IASBECK, Luiz Carlos. **As contribuições da semiótica da Cultura**: o estudo do jornalismo e a publicidade. In: PALESTRA, São Paulo: PUC, 2001.

LÓTMAN, Iúri, Uspenskii, Boris e Ivanóv, V. **Ensaio de semiótica soviética**. Lisboa: Livros Horizontes, 1981.

PROSS, Harry. **Estructura Simbólica del poder**. Barcelona: Gustavo Gali, 1980.

In. Os pensadores: Pré-socráticos: Do Mito à Filosofia. São Paulo: Nova Cultura, 1999.